

---

**TIAGO BAPTISTA**  
**A pequena realidade**  
**15.05.15 – 27.06.15****ALDEIA POTEMKIN**

O poeta apela, impotente no vazio, pela criação de um estado civilizacional cada vez mais distante, olhando de esguelha para um extinto fogo revolucionário.

*As Deusas da Justiça nos átrios centrais; O movimento de cada uma delas é envolto de uma onda de perfume. Elas vestem os seus convidados com peles quentes de zibelina, Recebem-nos com a melhor música de sopros e cordas, Alimentam-nos com caldo de carne de camelo, com acres tangerinas e laranjas amadurecidas na geada. Por detrás dos vermelhos portões lacados, o vinho é deixado a azedar, a carne a apodrecer. Para lá dos portões jazem as ossadas dos mortos de frio e dos famintos. O que floresce e o que murcha está apenas a um passo de distância- Pensar nisso rasga o meu coração.*

*Tu Fu (ano 755<sup>1</sup>)*

A Imperatriz russa Catarina II, déspota iluminada, árdua defensora dos privilégios da Nobreza Russa; inimiga jurada de um campesinato reduzido à pior das escravaturas, envenenou o seu marido, Pedro III, para se amancebar com o príncipe Grigori Alexandrovitch Potemkin. Este príncipe, eminência parda da política bélica e expansionista da Czarina, onnipresente tanto na alcova como na diplomacia secreta, é nomeado governador geral da Ucrânia, conquista as terras da Crimeia perpetuando o povo à pobreza abjecta.

De forma a amenizar as possíveis reticências das potências europeias, Potemkin resolve dissimular a visão desoladora da região cobrindo os miseráveis casebres ao longo do rio Dniepre por detrás de cenários em madeira pintados com magníficas fachadas. De este modo, as margens do rio enchem-se de aldeias tão pitorescas como fantasmagóricas. Ao cenário, o ministro, acrescenta figurantes vestidos de camponeses para representarem mujiques alegres e dançantes. Os diplomatas caem na farsa voltando encantados desta *partie de campagne*.

"Fazer de conta que..." é na ordem do dia um padrão que contamina o sentimento deontológico da governação. À cegueira voluntária dos governantes junta-se o modo como a administração - enquanto mediadora - edifica uma barreira entre dominantes e dominados, forjando subterfúgios para impedir que a informação circule de baixo para cima. Se na fábula mítica de Potemkin observamos o despertar de uma cenografia político-ficcional, é na perpetuação deste fachadismo que se processa hoje a ocultação da miséria perpetuada pela governação.

O pintor Tiago Baptista, neste conjunto de trabalhos, convoca duas estratégias enunciativas. Por um lado, enquadra cenários dentro do cenário, mostrando o dispositivo que quebra a ilusão espectral, propondo ao espectador um efeito de distanciamento à boa maneira Brechtiana. Por outro, através da ideia de decalque, remete para a cópia (presente sob várias figurações: molde, autorepresentação, máscara, projecção, negativo, etc), para a cópia de cópias, uma noção de hiper-realidade tal como desenvolvida por Baudrillard.<sup>2</sup>

A fé ocidental reforçou o signo enquanto substituto do seu referente tornando toda a experiência refém do simulacro, uma realidade simulada incapaz de se permutar com o real, onde a referência e a sua significação jamais se encontrarão.

Como no filme "Un Chien Andalou", Tiago Baptista, recria na sua mão-molde o invisível referente, talvez uma nádega campesina, talvez uma mama autocrática. Read my lips.

Natxo Checa, 2015

---

<sup>1</sup> William Hung, *Tu Fu: China's Greatest Poet* (Harvard University Press, 1952), p. 88

<sup>2</sup> J. Baudrillard, *Simulacros e Simulações* (Relógio de Água 1991)